



## LIBRAS NO CAMPUS: relato de experiência a partir de um curso de extensão

**Kênia C. T. da SILVA<sup>1</sup>; Davi V. MEDEIROS<sup>2</sup>**

### RESUMO

O acesso das pessoas surdas brasileiras à sociedade e, principalmente, à educação, tem assumido novos vieses, devido, dentre outros, à crescente presença da Libras nesses espaços, em virtude de legislações específicas, bem como de tentativas de reorganização de ambientes educativos, tendo em vista as especificidades linguístico-culturais desses indivíduos. Torna-se necessário, portanto, a partir dessa nova realidade socioeducacional, adquirir conhecimentos acerca da Libras, da surdez e dos surdos. Nesse sentido, o presente relato expõe um pouco das experiências vivenciadas durante a minha participação enquanto bolsista-cursista do projeto de extensão Libras no Campus. O curso contou com encontros semanais nos quais foram realizadas discussões envolvendo as temáticas mencionadas acima e vivenciados momentos práticos de interação em Libras, em que foram trabalhadas habilidades de comunicação nessa língua. O curso proporcionou a mim, bem como aos demais participantes, a oportunidade de (des)construir conhecimentos acerca da Libras, da surdez e dos surdos e de se apropriar de habilidades de comunicação em Libras.

**Palavras-chave:** Língua de sinais; Surdez; Surdos; Comunidade surda; Comunicação.

### 1. INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, o acesso dos sujeitos surdos brasileiros à sociedade, de modo geral, e à educação, de modo específico, assumiu novos vieses, devido, dentre outros, à crescente presença da Língua Brasileira de Sinais (Libras) nesses espaços, em virtude de uma legislação específica, expressa através da Lei nº 10.436/02 e do Decreto nº 5.626/05 (BRASIL, 2002; 2005), por exemplo, e de tentativas de (re)organização de ambientes educativos, devido às especificidades linguísticas e culturais desses indivíduos. Com base nessa nova realidade socioeducacional, problematizamos a necessidade de os sujeitos envolvidos nesse processo (professores, gestores, coordenadores, alunos, membros da comunidade externa, entre outros) terem um conhecimento acerca da Libras, da surdez e dos surdos, principalmente no que diz respeito: (i) às principais visões sobre a surdez e os surdos, a saber, as visões clínico-terapêutica e socioantropológica (cf. SKLIAR, 1997); (ii) aos aspectos culturais e identitários dos surdos brasileiros e suas implicações educacionais (cf. STROBEL, 2008; RODRIGUES; SILVÉRIO, 2013); (iii) aos aspectos linguísticos da Libras (cf. QUADROS; KARNOPP, 2004; GESSER, 2009); e (iv) às habilidades mínimas necessárias à compreensão e à expressão/comunicação em Libras.

<sup>1</sup>Graduanda do curso Licenciatura em História, IFSULDEMINAS – *Campus* Inconfidentes. E-mail: ckenia914@gmail.com

<sup>2</sup>Professor Orientador, IFSULDEMINAS – *Campus* Inconfidentes. E-mail: davi.medeiros@ifsuldeminas.edu.br

De acordo com Skliar (1997), há dois principais modelos pelos quais a surdez e, por sua vez, os surdos podem ser concebidos. No modelo clínico-terapêutico, a surdez é concebida como uma patologia e a pessoa surda é vista como deficiente, incapaz de interagir socialmente, caso não desenvolva a fala vocalmente; nesse sentido, o enfoque se dá naquilo que falta à pessoa (isto é, na audição), havendo, portanto, uma necessidade de reabilitação auditiva e de fala (a fim de que a pessoa surda seja capaz de ser normalizada), bem como de interação com pessoas ouvintes, e, por sua vez, uma descaracterização do sujeito surdo. No modelo socioantropológico, a surdez é concebida como uma experiência visual e a pessoa surda é vista pela concepção da diversidade/diferença; nesse sentido, o enfoque se dá em suas habilidades inatas (isto é, em sua percepção visual do mundo), havendo, portanto, necessidade de estímulo linguístico em língua de sinais desde o nascimento (a fim de que a pessoa surda tenha um bom desenvolvimento global) e de interação com a comunidade surda, e, por sua vez, uma valorização das especificidades linguísticas, culturais e identitárias do sujeito surdo. Segundo Rodrigues (2011), a partir do segundo modelo, usa-se o termo ‘surdo’ para fazer referência às pessoas que se reconhecem enquanto surdas (independentemente do grau da perda auditiva), valorizam a experiência visual e se apropriam da língua de sinais como forma de comunicação e de expressão, reunindo-se com seus pares e compartilhando modos de ser, de agir e de pensar, além de uma identidade cultural e certo orgulho em ser surdo (Deaf Pride); e usa-se o termo ‘pessoas com deficiência auditiva’ para fazer referência às pessoas que não aceitam a condição da surdez, tentando, assim, por meio de próteses e de implantes, por exemplo, resgatar a experiência auditiva, não usando a língua de sinais, mas, sim, estabelecendo seu único meio de comunicação por meio da língua oral com o auxílio da leitura labial.

## **2. MATERIAL E MÉTODOS**

Os objetivos do curso de Libras apresentado no presente relato foram: (i) despertar nos discentes o interesse pela melhor interação com as pessoas surdas; (ii) difundir a Libras; (iii) promover uma aprendizagem de Libras interativa; (iv) oportunizar aos alunos momentos de interações em Libras; (v) viabilizar o conhecimento básico da realidade das pessoas surdas; e (vi) contribuir com a promoção da acessibilidade comunicacional no município de Inconfidentes ao Sul de Minas Gerais e região.

O curso contou com encontros semanais, especificamente uma vez por semana, com duração de três horas cada. Esses encontros envolviam discussões em torno de questões referentes aos estudos surdos e à participação na sociedade, por parte das pessoas com surdez, bem como momentos práticos em Libras, visando ao desenvolvimento de habilidades de comunicação nessa língua, por parte dos cursistas.

### **3. RELATO DA EXPERIÊNCIA**

O curso de Libras apresentado neste relato de experiência proporcionou momentos de reflexão acerca de questões relacionadas à área da surdez e da Libras, de modo a contribuir com as ações de ensino, de pesquisa e de extensão, na região, e aulas de Libras, oportunizando estratégias de compreensão e de expressão/comunicação nessa língua, o que é extremamente relevante, considerando o status da Libras, bem como o lugar da surdez, atualmente.

O curso foi mediado e envolveu encontros, nos quais foram tecidas discussões em torno de questões referentes aos estudos surdos, bem como encontros práticos, nos quais foram trabalhadas habilidades de comunicação em Libras.

As práticas do curso envolveram (i) criação de situações contextuais de interação em Libras, por meio do uso de imagens e de vídeos; (ii) uso dinâmico e exploratório dos diferentes tipos de linguagem corporal, isto é, expressões faciais e corporais, mímica, gesticulação, dentre outros; (iii) estímulo à produção, por parte dos alunos, de descrições e de narrativas em Libras e (iv) sistematizações do vocabulário aprendido, construídas a partir das discussões acerca dos usos dos sinais em diferentes contextos. Foram apresentados aos cursistas também diversos sites/plataformas que disponibilizam dicionários e glossários de Libras online, visando à aquisição de vocabulário, pelos alunos.

Durante a realização do curso, foi oportunizada aos cursistas a (des)construção de conhecimentos acerca da Libras, da surdez e dos surdos, bem como a apropriação de habilidades mínimas necessárias à compreensão e à expressão/comunicação em Libras, em diferentes contextos e com diferentes interlocutores, reconhecendo e usando a estrutura visuoespacial dessa língua, o que representa algo de grande valia, considerando o caminho da educação, o qual eu, enquanto estudante de licenciatura, pretendo percorrer.

### **4. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O projeto Libras no Campus foi muito bem recebido pelos participantes (que envolveram alunos de cursos superiores do campus e municípios vizinhos. Inicialmente (de setembro a dezembro de 2022), 25 alunos frequentaram, regularmente, as aulas de Libras (número maior do que o número de vagas disponibilizadas para o projeto, a princípio). Desses 25 estudantes, mais da metade (14, especificamente) integravam a comunidade externa – em outras palavras, foram participantes que não possuíam vínculo com o instituto, seja enquanto aluno, seja enquanto servidor. A partir da segunda parte do projeto (de fevereiro a junho deste ano), apenas 10 alunos continuaram a frequentar as aulas (o motivo da desistência relatado por todos envolveu ou a não manutenção de vínculo com a instituição – alunos que se formaram no fim do segundo semestre de

2022 – ou o aumento do número de demandas pessoais e/ou acadêmicas). Ainda assim, desses 10 alunos, mais da metade (6, especificamente) integravam a comunidade externa.

#### **4. CONCLUSÃO**

Nesse sentido, podemos concluir que, de fato, o projeto cumpriu com a sua natureza – um projeto de extensão. Além disso, a partir da avaliação do docente do curso, pode-se considerar que os objetivos do projeto também foram atingidos. Por fim, vale destacar que, ao longo do projeto, os participantes foram avaliados, no que diz respeito à participação nas aulas presenciais e à realização das atividades práticas em Libras solicitadas.

#### **REFERÊNCIAS**

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 25 de abril de 2002.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 de dezembro de 2005.

FERREIRA-BRITO, L. **Por uma gramática de língua de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995. 273 p.

GESSER, A. **Libras? Que Língua é essa?** São Paulo: Parábola, 2009.

QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

RODRIGUES, C. H. Da margem ao centro: preparando um novo campo de debate e reflexão. **Revista da Feneis**, p. 30-34, 2011.

RODRIGUES, C. H.; SILVÉRIO, C. C. P. Pensando a Educação Bilíngue de/com/para Surdos. In: RODRIGUES, C. H.; GONÇALVES, R. M. (Orgs.). **Educação e Diversidade: Questões e Diálogos**. Editora UFJF. Juiz de Fora. 2013.

SKLIAR, C. Uma Perspectiva Sócio-Histórica sobre a Psicologia e a Educação dos Surdos. In: SKLIAR, C. (org.) **Educação e Exclusão**. Porto Alegre. Editora Mediação, 1997. p. 75-110.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Editora: UFSC, Florianópolis. 2008